

# **Metaplasmos contemporâneos – Um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa**

José Mario Botelho (UERJ)  
Isabelle Lins Leite

## **Introdução**

A Língua Portuguesa, desde o Latim, passou por diversos processos de transformação fonética até resultar na Língua que hoje conhecemos. A esses processos de transformação por que passou a língua chamamos metaplasmos.

Os metaplasmos não são simplesmente os processos que a língua sofreu na passagem do Latim para o português mas, como podemos verificar na língua atual, estes fenômenos continuam agindo e transformando a Língua Portuguesa.

Podemos observar as mudanças fonéticas por que está passando nossa língua, principalmente na fala dos indivíduos – referimo-nos ao uso lingüístico –, por exemplo, nos diálogos cotidianos em que as palavras consagradas no léxico de uma forma sofrem transformações fonéticas e são pronunciadas de modo distinto deste.

Os falantes de nossa língua (neste estudo, os do Brasil) utilizam metaplasmos de aumento, supressão, transposição e transformação, e a partir destes são criadas novas formas de vocábulos.

Em nosso estudo, mostraremos algumas das formações atuais que já foram registradas em dicionários e outras que fazem parte apenas de nosso discurso oral. Veremos ainda a questão dos tipos de

metaplasmos utilizados no Português do Brasil e o modo como os metaplasmos contemporâneos estão influenciando a formação de nosso léxico.

A definição de metaplasmos perpassa o âmbito dos processos de transformação fonética por que passa uma língua. No caso dos metaplasmos contemporâneos, consideramos as transformações ocorridas a partir da Língua (no nosso caso a portuguesa do Brasil), que conhecemos hoje.

Neste trabalho, partiremos dos processos de transformação fonética de casos isolados emblemáticos. Em seguida, vamos destacar e comentar, com base na “Gramática Histórica”, de Dolores Carvalho e Manoel Nascimento, e na monografia “História e formação do léxico da língua portuguesa”, de Botelho, alguns casos do poema “Poesias clássicas”, de Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva), por representar uma situação específica de comunicação: a fala de nordestinos no sertão brasileiro.

### **Casos isolados de processos de transformação fonética**

Ao analisarmos os metaplasmos verificamos que estes podem ocorrer de quatro maneiras: por aumento; por supressão; por transposição e por transformação.

## 1. Metaplasmos por aumento

Ocorrem quando inserimos um fonema no vocábulo, aumentando assim a sua forma fonética. Neste grupo, temos o caso da epêntese, do anaptixe (ou suarabácti), do paragoge (ou epítese) e da prótese, os quais veremos a seguir:

a) Epêntese: É a inserção de um fonema no meio da palavra. Dos casos em que ocorre epêntese, observadas em nossa língua oral, destacamos: asterisco > asterístico; lista > listra (forma registrada em dicionário); beneficência > beneficiência; prazerosamente > prazeirosamente; e estalo > estralo (forma registrada em dicionários).

b) Anaptixe (ou suarabácti): É o nome dado ao fenômeno de acrescentar uma vogal para desfazer um grupo consonantal: ignorante > iguignorante; pneu > peneu ou pineu; e advogado > adevogado ou adivogado.

d) Paragoge (ou epítese): É o nome dado ao metaplasmo que acrescenta um fonema no final da palavra: mártir > mártire; e variz > varize.

e) Prótese: É o nome que caracteriza o fenômeno de inserção de um fonema no início da palavra: renegar > arrenegar (forma registrada em dicionários); lagoa > alagoa (à semelhança de Alagoas – estado brasileiro); voar > avoar (forma registrada em dicionários); lembrar > alembrar; e soar > assoar (forma registrada em dicionários, com a acepção de “limpar o nariz”).

Obs.: Pode ser considerado prótese o caso de aglutinação: de repente > derrepente; a frete > afrete (ou àfrete, de à frete); e a cerca de > acerca de (forma registrada em dicionários).

## 2. Metaplasmos por supressão

Como o próprio nome nos remete, os metaplasmos por supressão ocorrem quando suprimimos um fonema de um vocábulo. Veremos neste grupo os fenômenos da aférese, da apócope, da síncope e da haplologia.

a) Aférese: É o nome que caracteriza o fenômeno de supressão de um fonema (ou uma sílaba) do início de um vocábulo: ainda > inda; até > té; está > tá (forma registrada); espera > péra; José > Zé; você > cê; uniforme > niforme (ou liforme).

b) Apócope: É o nome dado ao fenômeno que suprime um fonema no final do vocábulo: bobagem > bobage; quer > qué; saber > sabê; passar > passá; parênteses > parentes; furúnculo > furunco; lâmpada > lampa; rapaz > rapá; pôr > pô; e licença > cença.

c) Síncope: É o nome dado à supressão de fonemas no meio do vocábulo: horóscopo > horospo; bêbado > bebo; cócegas > coscas; padrinho > padinho; também > tamém; mesmo > memo; murcho > mucho; negro > nego; compadre > cumpade; experimento > experimento, e drible > dibre (com rotacismo, por assimilação total progressiva do “l” drible > dribre).

d) Haplologia: É o nome dado ao fenômeno que suprime a primeira, de duas sílabas sucessivas, no meio da palavra, por ter semelhança sonora com a seguinte. Esse fenômeno é uma modalidade da síncope: entretenimento > entretimento (forma registrada em dicionários); paralelepípedo > paralepípedo; e infalibilidade > infabilidade.

### **3. Metaplasmos por transposição**

Os metaplasmos por transposição se dão por deslocamento de posição de fonemas em um vocábulo ou por transposição do acento tônico da palavra. Veremos neste grupo alguns casos de metátese, de hipértese, de sístole e de diástole.

a) Metátese: É o nome dado à transposição de um fonema em uma mesma sílaba de um vocábulo: perto > preto; perguntar > preguntar; barganha > braganha; prateleira > parteleira; entreter > enterter, e entretela > entertela.

b) Hipértese: É o nome dado à transposição de um fonema de uma sílaba para outra em um vocábulo: nervoso > nevroso; e bicarbonato > bicabornato.

c) Sístole: É o nome dado ao deslocamento, por recuo, do acento tônico de um vocábulo: rubrica > rúbrica; ruim > ruim (rú); filantropo > filântropo; acrobata > acróbata (forma registrada em dicionários).

d) Diástole: É o nome dado ao deslocamento, por avanço, do acento tônico de um vocábulo: opto > opito (pí); gratuito > gratuító; águo > aguo (gú) (forma aceita); íterim > írim (rím); e designo > designo (guí).

#### **4. Metaplasmos por transformação**

Os metaplasmos por transformação ocorrem quando um fonema de um vocábulo se transforma, passando a ser outro fonema distinto em lugar do primeiro. Aqui veremos alguns casos de degeneração, desnasalação, dissimilação, rotacismo, lambdacismo, ditongação, monotongação, metafoia, nasalação, palatização, sonorização (ou abrandamento) e de despalatização.

a) Degeneração: É o nome dado ao processo de transformação do fonema /b/ em fonema /v/: assobiar > assoviar (forma registrada em dicionários); basculante > vasculante (ou vasculhante); e travesseiro > trabesseiro.

b) Desnasalação: É o nome dado ao processo de transformação de um fonema nasal a um fonema oral: virgem > virge; homem > home; benjoim > beijoim (forma registrada em dicionários); e fizeram > fizeram.

c) Dissimilação: É a transformação de um fonema para diferenciação de um outro semelhante existente no mesmo vocábulo: pílula >

pírula; estrambótico > estrambólico; itinerário > etinerário; e privilégio > previlégio.

d) Rotacismo: É a transformação do fonema /l/ em /r/: alface > arface; almoço > armoço; aluguel > aluguer (forma registrada em dicionários); Flamengo > framengo; flauta > frauta (forma registrada em dicionários); flecha > frecha (forma registrada em dicionários).

e) Lambdacismo: É a transformação do fonema /r/ em /l/: freira > flera (ê); e cabeleireiro > cabelelero (com monotongação de “-lei-” e “-rei-”).

f) Ditongação: É o nome dado à transformação de uma vogal ou um hiato em ditongo: bandeja > bandeija; caranguejo > carangueijo; e saudar (sa-u-dar) > saudar (sau-dar) (pronúncia mais incidente).

g) Monotongação: É o nome dado à transformação ou redução de um ditongo em uma vogal: freira > flera (ê); doutor > dotor; Europa > Oropa; Eugênio > Ogênio; rouba > roba (ó); trouxe > truxe; polícia > poliça; sou > sô; jogou > jogô; besouro > besoro (ô); louco > loco (ô); cabeleireiro > cabelero (ou cabelelero, com assimilação total progressiva de “r”); manteiga > mantega; caixa > caxa; pouco > poco; queijo > quejo; beijo > bejo; treino > treno; beira > bera; ameixa > amexa; e peneira > penera (ê).

h) Metafonia: É o nome dado à alteração do timbre ou altura de uma vogal: direito > dereito; diferente > deferente; semente > simente; e cadê > quedê (forma registrada em dicionários).

i) Nasalação: É o nome dado à transformação de um fonema oral a um fonema nasal: até > inté; aipim > aimpim; igual > ingual; identidade > indentidade; ignorante > ingnorante; frenesi > frenesim (forma registrada em dicionários); idiota > indiota; e mostuário > monstruário; mortadela > mortandela;.

j) Palatização: É o nome dado à transformação de um ou mais fonemas em uma palatal: Antônio > Antonho; avião > avinhão; basculante > basculhante (vasculhante); demônio > demonho; família > família; e salsicha > salchicha (forma registrada em dicionários).

l) Sonorização (ou abrandamento) É o nome dado à transformação de um fonema surdo, em posição intervocálica, à sua homorgânica sonora: cuspir > guspir; e constipado > gustipado.

m) Despalatização. É o nome dado à transformação de fonemas palatais em um nasal ou oral: cabeçalho > cabeçálio (ou cabeçário); e docinho > docim.

### **Casos de processos de transformação fonética em situação de comunicação – texto poético.**

Leremos a seguir um trecho do texto “poetas clássicos”, de Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva), no qual temos um

registro do discurso oral do sertão nordestino do Brasil. Em seguida analisaremos alguns dos metaplasmos atuais, presentes no texto, que normalmente ocorrem na linguagem sertaneja do nordeste brasileiro.

“Poeta niversitario,  
Poeta de cademia,  
De rico vocabularo  
Cheio de mitologia,  
Tarvez este meu livrinho  
Não vá recebê carinho,  
Nem lugio e nem istima,  
Mas garanto sê fié  
E não istruí papé  
Com poesia sem rima.”

No texto citado, temos as palavras “niversitário”, “cademia”, “vocabularo”, “tarvez”, “recebê”, “lugio”, “istima”, “sê”, “fié”, “instruí” e “papé” como formas faladas na linguagem do sertão brasileiro. Consideramos que estas formas são resultados das transformações fonéticas a que denominamos metaplasmos de nossa língua.

Ao analisar os metaplasmos encontrados no texto, verificamos que:

- a palavra “universitário” sofreu aférese do fonema /u/ e monotongação do ditongo /io/ final, resultando em “niversitario”;

- a palavra “academia” sofreu aférese do fonema /a/, resultando em “cademia”;
- a palavra “vocabulário” sofreu monotongação do ditongo /io/ final, passando a “vocabularo”;
- a palavra “talvez” sofreu rotacismo, pois o fonema /l/ foi substituído pelo fonema /r/, passando a “tarvez”;
- a palavra “receber” sofreu apócope do fonema /r/ e resultou em “recebê”;
- a palavra “elogio” sofreu aférese do fonema /e/ e metafonia do fonema /o/, que passou a /u/. Estes processos deram resultado à palavra “lugio”;
- a palavra “estima” sofreu metafonia do /e/, que passou a /i/, resultando na palavra “istima”;
- a palavra “ser” sofreu apócope do fonema /r/, resultando na palavra “sê”;
- a palavra “fiel” sofreu apócope do fonema /u/, e passou a “fié”;
- a palavra “destruir” sofreu aférese do fonema /d/, metafonia do fonema /e/ e apócope do fonema /r/l/, resultando na palavra “istruí”.
- a palavra “papel” sofreu apócope do fonema /w/ e passou a “papé”.

## **Conclusão**

Conforme observamos, nossa língua está em processo constante de transformação fonética.

Algumas das formas surgidas no discurso oral já foram registradas em dicionários de nossa língua, enquanto outras continuam restritas somente a esta modalidade da língua.

Nosso estudo, porém, não está restrito ao presente trabalho, pois como a língua está se modificando a cada instante, devemos estudá-la de modo constante, para bem observar suas transformações com ênfase na fonética.

## Referências Bibliográficas

BOTELHO, José Mario. *História e formação do léxico da língua portuguesa*. Monografia. (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica (PUC) – Departamento de Letras, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1993. (Inédito).

CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 4. ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática Histórica*. 3. ed., São Paulo: Ática, 1969.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sócio-lingüística*. 7. ed., São Paulo: Ática, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 9. ed., São Paulo: Cortez, 2003.

BAGNO, Marcos. *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola. 2005.

ASSARÉ, Patativa do. (Antônio Gonçalves da Silva ). “Ispinho e fulô”. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.